

Diversão & Arte

» MILA OLIVEIRA*
» PRISLEY ZUSE*

A cena de pagode de Brasília está cada vez mais forte. Se antes a cidade era vista como um polo de rock, o pessoal do Menos é Mais e Di Propósito veio para mostrar que o Distrito Federal tem muito a oferecer. Gustavo Góes, integrante do Menos é Mais, conta que, “se tratando de um grupo de pagode que não tinha gravadoras, empresários e rádios por perto e, mesmo assim, conseguiu romper essas barreiras, é muito legal. Essa felicidade dá mais força para gente seguir nosso propósito, que é levar alegria para todos os brasileiros, e pretendemos seguir firme nessa nossa missão.”

Produtor artístico, Tiago Hanna também toca em um grupo de pagode, o MakêBelê. Ele percebeu uma profissionalização e uma evolução artística no DF. Mesmo com a proibição de shows no Brasil, devido à pandemia, o samba e o pagode estão entre os ritmos mais buscados nas plataformas de streaming, segundo o Data Stories, da Kantar Ibope Media.

“Eu vejo que os grupos que estão fortes em Brasília são os que estão interagindo com o seu público no meio digital, produzindo conteúdo musical ou vídeos bem-humorados. Quem está fazendo bem as mídias digitais está conquistando um público mais jovem, que normalmente não frequenta shows de pagode”, destacou Tiago.

O aumento desse consumo é resultado do estudo de mercado, pesquisa e inovação, segundo Tiago. “Os meninos do Menos é Mais, o Jorge e o Góes, desde sempre bateram na tecla da organização e na governança, que é algo que você nem escuta direito no âmbito da música, e eles conseguiram construir o império deles, tijolinho por tijolinho”, completou o produtor.

A partir deles, a cena de pagode da cidade ganhou destaque nacional e abriu portas para outros grupos. No Dia do Pagode, o Correio conversou com alguns grupos e cantores da cidade que valem a pena conferir.

O PAGODE DE FERRUGEM

» *LISA VEIT

Este é um ano de novas conquistas e ainda maior visibilidade para Ferrugem, um dos principais expoentes do pagode na atualidade. Um exemplo é a canção *Atrasadinha*, que marcou o primeiro trabalho conjunto entre o pagodeiro e o cantor sertanejo Felipe Araújo. A colaboração de sucesso, que impulsionou a carreira dos dois artistas, se repete agora por meio do single *Eu + você*, disponível nas plataformas digitais com o videoclipe.

“A minha amizade com o Felipe surgiu de maneira natural, fomos nos falando e trocando ideias, e a gente acabou se unindo por meio da música. Tínhamos uma conexão pessoal e não foi diferente no palco. Sou muito feliz por *Atrasadinha* e grato pelo convite. Em *Eu + você* não poderia ser diferente. Eu tinha que convidá-lo, porque sei da importância da voz do Felipe nas músicas e sei que a galera também estava esperando esse jogo de volta. A música está linda”, conta Ferrugem.

A nova composição fala de um processo de reconquista da pessoa amada por meio das melhores combinações da vida. No caso do cantor, além da mistura e do flerte do pagode com outros gêneros, essa combinação vem por meio da família. “Eu estou vivendo essa pandemia louca com as melhores combinações da minha vida: eu mais a Thais (Vasconcelos, a esposa)... eu mais as meninas (as filhas Júlia, Sofia e Aurora). As coisas mais gostosas da vida são aquelas que nos trazem paz. A gente tem que pro-

Coisa de BRASILIENSE



Para comemorar o Dia do Pagode, o Correio conversou com artistas que, apesar da pandemia, mantêm a alegria da música e conquistam fãs pelo país

1 Meninas de raça

O grupo de pagode formado apenas por mulheres vem ganhando espaço na cena artística de Brasília. O que era apenas uma brincadeira tornou-se algo sério para as integrantes do Elas que toquem. Com apenas oito meses desde a criação, Maísa Lameira, uma das integrantes e fundadoras do grupo, comentou que, mesmo sendo um ambiente com maioria masculina, elas estão conquistando fãs diariamente. “Sempre ouvi que mulher não faz pagode e que pagode é coisa de homem. Foi quando conheci a Bruna e começamos uma trajetória, brincando em casa e resolvemos chamar outras meninas. A gente achou que o mercado de pagode de Brasília não ia abrir as portas para gente, mas foi totalmente o contrário, os meninos ajudaram, inclusive, o Menos é mais e o Di Propósito seguem o Elas que toquem nas redes sociais.” Hoje, a banda conta com 10 mulheres no palco e mais 11 pessoas que trabalham no backstage. Lançaram um EP com 17 músicas e agora se preparam para gravar um projeto audiovisual, que deve ficar pronto até o final do ano.

Origem

“O pagode representa minha vida inteira. Eu conheci o pagode a fundo aos 10 anos de idade”, lembra Ferrugem. Aos 12 anos, tocava o cavaquinho: um presente do tio que trabalhava na coleta de lixo. Lá encontrou o instrumento que despertaria o interesse do sobrinho para o ritmo e para a vida artística. “É a história mais bonita que o pagode me trouxe e que vou lembrar para sempre. Depois disso, minha vida foi entregue ao estilo musical pelo qual sou apaixonado”.

O cantor explicou que, por influências da mãe na MPB e do pai no sertanejo, sempre abriu espaço para a conversa com outros gêneros musicais. “Eu recebo a junção entre gêneros de coração escancarado. Não podia responder de outra forma por ser um cara que vem flertando com vários outros ritmos, e por não enxergar um cerco dos segmentos. [...] Mas devo tudo ao pagode, que foi o segmento que me levantou e me trouxe em evidência. Então, eu tenho muita gratidão. Faria e faço qualquer coisa para mostrar para a galera a arte do pagode: o quanto é lindo e soma na nossa cultura”.

O músico destaca a riqueza harmônica e os arranjos típicos do ritmo, que têm sido explorados até mesmo por grandes maestros brasileiros. “Temos a oportunidade de ter Jota Moraes, um dos maiores maestros do país, arranjando uma porção de pagodes. Meu DVD inteiro foi arranjado por ele. Então, por meio do pagode, eu pude viver coisas incríveis na música”, conclui.

*Estagiárias sob a supervisão de José Carlos Vieira

2 Segurando a onda

Pietro Silva conta que tudo começou quando ele, o irmão e o sobrinho decidiram formar uma banda. Com o tempo, cada um seguiu seu caminho, e Pietro começou a tocar em outros grupos. A partir daí, a carreira do músico decolou. Recebeu vários convites para cantar com bandas e artistas renomados de Brasília. Teve a oportunidade de viajar de se apresentar em vários lugares do país e do exterior. Agora o cantor se prepara para lançar mais três músicas nos próximos meses. A primeira, chamada *De baixo do chuveiro*, em todas as plataformas digitais. A faixa também conta com um videoclipe. Durante a pandemia, Pietro conta que fez algumas lives, mas precisou trabalhar como garçom para pagar as contas. “Em um momento, a situação ficou complicada, e fizemos uma vaquinha para conseguir ajudar os músicos que trabalham comigo. Como agradecimento da ajuda recebida, produzimos uma live e cantamos de tudo um pouco. Além disso, com o dinheiro arrecadado, conseguimos, também, ajudar pessoas que vivem em uma situação de vulnerabilidade, foi algo muito especial”, conta ele.

3 Projeto bem pensado

O grupo formado por cinco integrantes, Will Lucas, Allan Agnes, Tony Souza, Bryan Agner e Wallace Nascimento nasceu de uma vontade dos integrantes de tocarem as músicas de que eles gostavam. Inicialmente, além do Deu Vibe, os músicos também participavam de outros projetos. Allan conta que “o negócio foi ficando sério, foram surgindo contratações, e aí decidimos sair dos outros grupos para focar no nosso. Começamos a fazer shows no DF e recebemos o convite para tocar na Europa”. Instrumentista profissional desde os 15 anos, Allan ressalta a importância da música como empreendimento que vai muito além de tocar. Amigo dos meninos do Menos é Mais, conta que “eles não chegaram aonde estão só pela parte musical, eles trabalharam toda uma engrenagem com muitos grupos de Brasília e de fora não tinham em mente. Hoje em dia, essa nova geração precisa entender que a música é um empreendimento, só tocar não serve mais, é preciso trabalhar o todo”, explica o artista.

O pagode representa minha vida inteira”

curar dentro de nós o que nos faz melhor, e essa vai ser a combinação perfeita”, reflete.

O lançamento também marca um momento importante de visibilidade artística e dos novos trabalhos, iniciados com o disco *Abre alas*, no fim do ano passado. O título desse álbum mais recente homenageia a canção emblemática de Ivan Lins, de 1974. Ferrugem também fala sobre as oportunidades que começaram a surgir e sobre a nova fase da carreira.

